

## SEÇÃO ARTIGOS

**Aproximando as Margens da Formação Docente:<sup>1</sup>  
tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras**

**Approaching the Margins of Teacher Training:  
becoming a Geography teacher in Border Zones**

**Acercándose a los Márgenes de la Formación Docente:  
convirtiéndose en profesor de Geografía en zonas de frontera**

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v10i23.61830>

 [Felipe Costa Aguiar<sup>2</sup>](#)

Universidade Estadual de Londrina (UEL),  
Paraná, Brasil  
e-mail: felipe.costa.aguiar@uel.br

 [Jeani Delgado Paschoal Moura<sup>3</sup>](#)

Universidade Estadual de Londrina (UEL),  
Paraná, Brasil  
e-mail: jeanimoura@uel.br

### Resumo

Qual é o lugar para formar bons professores? Essas primeiras palavras demonstram o nosso método, o verbo “margear”, que versa sobre a ação de ladear algo ou alguém, ou seja, volta-se atentamente para as coisas – fazer fenomenologia. Aliamos os sentidos de margem nas discussões curriculares às discussões sobre os estágios como zonas de fronteiras, pensando a formação docente enquanto experiência de atravessamento e de processo formativo que ocorre quando o docente atravessa as fronteiras entre universidade e escola, tendo sua identidade pessoal e disciplinar tensionada pelas experiências desse lugar de encontro de margens e de negociação de diferenças. É nesse caminho de negociação e hibridismo que o Programa de Educação Tutorial (PETGeo-UEL) se revelou como um lugar de encontro da pesquisa, ensino e extensão, uma zona de fronteiras onde as margens da formação docente se aproximam, eliminando distâncias, negociando diferenças.

### Palavras-chave

Geografia humanista; Fenomenologia; Formação de professores.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Membro dos grupos de pesquisa GHUM – Geografia Humanista Cultural, NOMEAR – Fenomenologia e Geografia e Grupo de Pesquisa Fenomenologia, Geografia & Educação.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Membro dos grupos de pesquisa GHUM – Geografia Humanista Cultural e NOMEAR – Fenomenologia e Geografia e coordenadora do Grupo de Pesquisa Fenomenologia, Geografia & Educação.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

# ***Ensaios de Geografia***

## **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

### **Abstract**

What is the place for shaping good teachers? These opening words demonstrate our method, the verb “margear”, which revolves around the action of skirting something or someone, meaning to turn attentively towards things – to engage in phenomenology. We connect the senses of 'margin' in curriculum discussions to discussions about internships as border zones, contemplating teacher training as an experience of crossing and a formative process that occurs when the educator crosses the boundaries between university and school. In this process, their personal and disciplinary identity is strained by the experiences of this meeting place of margins and negotiation of differences. It is in this path of negotiation and hybridism that the Tutorial Education Program (PETGeo-UFL) has revealed itself as a meeting place for research, teaching, and extension – a border zone where the margins of teacher training draw near, eliminating distances and negotiating differences.

### **Keywords**

Humanistic Geography; Phenomenology; Teacher Training.

### **Resumen**

¿Cuál es el lugar para formar buenos profesores? Estas primeras palabras reflejan nuestro método, el verbo “margear”, que se refiere a la acción de bordear algo o alguien, es decir, prestar atención cuidadosa a las cosas, realizando fenomenología. Unimos los sentidos de 'margen' en las discusiones curriculares con las discusiones sobre las prácticas como zonas fronterizas, considerando la formación docente como una experiencia de cruzar y un proceso formativo que ocurre cuando el docente atraviesa las fronteras entre la universidad y la escuela, viendo su identidad personal y disciplinaria tensionada por las experiencias de este lugar de encuentro de márgenes y negociación de diferencias. Es en este camino de negociación e hibridismo que el Programa de Educación Tutorial (PETGeo-UFL) se reveló como un lugar de encuentro de investigación, enseñanza y extensión, una zona fronteriza donde los márgenes de la formación docente se acercan, eliminando distancias y negociando diferencias.

### **Palabras clave**

Geografía humanista; Fenomenología; Formación de profesores.

## **Margear a margem: da pergunta e do modo de perguntar**

Em textos científicos, evitamos redundâncias, porém, acreditamos que “margear a margem” é uma redundância necessária para o propósito que temos com este escrito, que é pensar a formação docente como uma experiência de atravessamento de zonas de fronteiras que se esparramam por diversos lugares, sendo a experiência de margem uma essência desse fenômeno.

A fenomenologia, metodologia de pesquisa que adotamos, nos instrui a pensar a essência dos fenômenos, por isso perguntamos: seria possível discutir as margens da formação docente em Geografia sem nos voltarmos para elas mesmas? Até seria, mas isso inviabilizaria o fazer fenomenológico que orienta nossa postura de pesquisa. “Margear a margem” é uma redundância necessária porque, em sua essência, o verbo “margear” nos possibilita o exercício

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

da atitude fenomenológica. Isto é, o estranhamento dos sentidos que julgamos ser os mais naturais.

Nos perguntamos, que é “margear”? “Margear” é o verbo. O método de pesquisa é “margear”. “Margear” é o nosso modo de escrita. Nossa atitude de pesquisa é “margear” o fenômeno. Estar atento às coisas é “margear”, guarnecer as margens enquanto margens. Não só podemos estar à margem de alguma situação, mas também é possível seguir pela margem de um rio ou de um determinado caminho. “Margear” é ser-e-estar na margem, caminhar por ela, ainda que seja em círculos. Pautar uma folha branca e riscá-la de modo que se trace uma margem e no centro da folha o espaço em branco seja conservado é “margear”, ou seja, dotar o papel de margem. Assim, “margear” transborda as margens do próprio verbo, atingindo sinônimos como cercar, cingir e rodear. “Margear. Cercar. Cingir. Rodear”. Enquanto verbos, essas ações não garantem a atitude fenomenológica, tampouco são os únicos verbos possíveis para exercermos uma fenomenologia das margens. O que permite a fenomenologia não é nem o verbo, nem a palavra, mas o ato por eles viabilizado. Em nosso caso, o ato de rodear as margens da formação docente em Geografia, para descrever como são vividas as experiências das margens da formação dos professores de Geografia.

Ao exercitarmos a atitude que chamamos de “fenomenologia das margens”, não buscamos atribuir um conceito ou uma categoria científica às margens da formação docente em Geografia, sequer temos a intenção de criar um conceito e replicá-lo em outros trabalhos. Nossa abordagem está pautada na geografia fenomenológica, que busca compreender a geograficidade das experiências do ser-no-mundo, situando a existência e suas idiossincrasias no centro das preocupações dos geógrafos, para escavar os sentidos das experiências tal como são vividas.

A geografia fenomenológica não forma uma linha de pensamento homogênea dentro da ciência geográfica. Marandola Júnior (2013) mostrou como a história das apropriações e contribuições da fenomenologia ocorreu no pensamento geográfico anglo-saxão e como essas apropriações influenciaram o início da geografia humanista no Brasil. Mais recentemente, Marandola Júnior (2020) demonstrou os desdobramentos da fenomenologia na geografia brasileira, evidenciando as rupturas, fissuras e continuidades dos pioneiros desse movimento. Apesar de anos de contribuições da Fenomenologia à Geografia, ainda não há homogeneidade quando falamos sobre a geografia fenomenológica, sendo ela muito mais uma prerrogativa, um

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

exercício metodológico, um fazer-científico plural do que uma corrente de pensamento homogênea.

Nesse fazer-científico, nos cabe sustentar e intensificar a máxima husserliana da volta às coisas mesmas, que pode ser lida fenomenologicamente por meio da geograficidade de Dardel (2011) como uma volta às experiências geográficas vividas em ato, traduzidas pela linguagem, e não vividas cientificamente e, posteriormente, traduzidas pela linguagem dos conceitos da ciência geográfica.

Esse fazer fenomenológico não se baseia no olhar do geógrafo tradicional, que do seu gabinete decifra as geografias do mundo, mas no olhar encarnado, o olhar que enxerga a partir de todos os sentidos do corpo (Marandola Júnior, 2018). O olhar encarnado compreende as experiências geográficas enquanto formas-de-vida. Como Marandola Júnior (2018, p. 249) escreveu, “as formas-de-vida, como situacionalidades, permitem pensar outras geografias, no limiar da reunião e da dispersão. Trata-se de uma Geografia do limite, ou uma Geografia no limite, cuja classificação se torna inócua”.

A fenomenologia das margens, enquanto exercício metodológico, coloca até mesmo a Geografia em questão, tensionando seus limites e levando o sentido de Geografia às margens da própria palavra. Ao chegarmos ao que pode ser o limite da Geografia, não restringimos nossa investigação, como se tivéssemos que pôr uma margem em nossa abordagem, bloqueando a sua compreensão. Em vez disso, a fenomenologia das margens faz as experiências geográficas transbordarem as fronteiras postas pelas margens dos conceitos da Geografia. Por isso, no decorrer do texto, as descrições das experiências geográficas das margens da formação docente em Geografia transbordam o próprio conceito de margem, inundando várzeas que comumente são definidas por outros conceitos, como, por exemplo, os conceitos de lugar, fronteira e território.

Transbordar as fronteiras dos conceitos já existentes não limita a fenomenologia das margens, como se ela fosse inferior ou inválida por não sustentar uma identidade conceitual rígida para si e para os conceitos a partir dos quais nossa abordagem opera. Aliás, transbordar, limites, ir além, atravessar e esbordar são palavras que fazem parte do vocabulário das margens, do modo como as margens se relacionam entre si mesmas. Esse vocabulário opera a desconstrução dos sentidos que, a princípio, ainda a partir da atitude natural (oposta à atitude

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

fenomenológica), poderíamos julgar como os únicos possíveis para atribuímos às margens. A investigação fenomenológica, atenta às múltiplas imagens de margens, invalida essa identidade cristalizada.

O ponto de partida para esse exercício metodológico é fazer que os sentidos de margem, fronteira e limite sejam rasurados, de modo que essas palavras comecem a atribuir sentidos a coisas que estão além da sua margem de abrangência mais comum, de modo que fronteira se refira a lugar, não só a território; de modo que limite seja início, e não fim; de modo que transbordar seja um movimento para dentro e para fora; de modo que fronteira possa ser um lugar de parada, não só de atravessamento; de modo que atravessar seja entrar e sair; de modo que sair seja entrar em um outro lugar e não ficar no espaço vazio. Após a tentativa de definição de margem, apresentamos o Programa de Educação Tutorial – PETGeo/UFLA como uma zona de fronteira. Posteriormente, descrevemos uma experiência formativa que vivemos no âmbito do PET. Em seguida, expomos como a formação docente em Geografia pode esbordar suas próprias margens, criando e recriando experiências formativas incessantemente. O exercício, nesse caso, é o de compreender as formas-de-vida, as experiências das margens da formação docente nos lugares em que habitamos como professores de Geografia inconclusos, cujas identidades estão à margem da própria definição.

### **Que é isto, margem?**

A definição de margem está no limite da própria palavra. Ao escrever sobre o sentido de margem no pensamento de Jacques Derrida, Santiago lembra que:

A margem não é um além, o que prescreveria o limite. Não é, por conseguinte, um “fora” (*dehors*) em oposição a um dentro (*dedans*). O limite é violentado, rasura-se, perde-se; o próprio e o outro jogam; a perda é o encontro. E o primeiro texto é desvelado (ao menos, em parte), permite-se ser contrariado em sua opacidade inicial. O fora e o dentro se reescrevem e não se separam. A margem e o marginalizado”, o “disseminado”, o “suplemento” e a possibilidade de ser da escritura (re)compõem o texto; mais do que exteriores a ele, são o “interior do interior”, razão de ser da estrutura que se deixa ler dentro (e) fora da superfície significante (Santiago, 1976, p. 57).

Palavras como margem, fronteira e limite têm sido empregadas com frequência em pesquisas em educação, principalmente em textos baseados na pesquisa curricular de orientação pós-estruturalista. No Brasil, destacam-se os trabalhos pioneiros de Macedo (2006) e Lopes e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## **Ensaios de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Macedo (2011), assim como desdobramentos dos movimentos iniciados por essas autoras, que se constituem a partir da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: Lopes e Borges (2015), Pinto e Lopes (2021), Gigante e Costa (2015) e Costa (2019).

A que se deve o emprego dessas palavras nos estudos citados? É necessário frisar que o campo da pesquisa curricular pós-estruturalista, intensificado por Lopes e Macedo (2011), tem a desconstrução de Jacques Derrida como um dos principais mecanismos para pesquisar as experiências curriculares e suas contradições. Por isso, a instabilidade dos sentidos atribuídos aos currículos e à *différance* são as bases de seus trabalhos. Isso faz com que, em alguns momentos, a noção de currículo seja confundida com fronteira, levando o conceito de currículo ao transbordamento de si mesmo.

Tomemos o trabalho de Macedo (2006) como uma primeira aproximação com o sentido de margem, que já é o exercício metodológico de margear a margem. Excertos do texto de Macedo (2006) nos mostram que margem emerge em relação à fronteira. No trecho a seguir, currículo é pensado enquanto espaçotempo de fronteira:

Penso nos currículos escolares como espaçotempo de fronteira e, portanto, como híbridos culturais, ou seja, como práticas ambivalentes que incluem o mesmo e o outro num jogo em que nem a vitória nem a derrota jamais serão completas. (Macedo, 2006, p. 289).

Em outro momento do texto, Macedo (2006, p. 106) argumenta que “[...] estar na fronteira (onde se está! Não é um lugar para onde se vai), é viver no limiar entre as culturas, um lugar-tempo em que o hibridismo é a marca e em que não há significados puros”.

Interpretando os excertos do texto de Macedo (2006) e reorganizando-os à luz da nossa questão de pesquisa, podemos dizer que currículos são espaçotempo de fronteira porque, espacialmente, emergem como fronteiras, isto é, como lugares nos quais até mesmo os mais parecidos surgem como diferentes, cada um carregando sua própria cultura e tendo que negociá-la no encontro fronteiro. Se a fronteira é um espaço de negociação dos diferentes, o tempo da fronteira é o tempo da diferença, e não da mesmidade. Para Macedo (2006, p. 105), currículo é espaçotempo de “[...] negociação de posições ambivalentes de controle e resistência” (Macedo, 2006, p. 105).

Se currículo é controle e resistência, negociação e fuga, o conceito de currículo está à margem dele mesmo. Não cabe ao currículo a sua própria definição. Sendo assim, a fronteira

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaios de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

pode ser lida como o encontro das margens, a produção constante de cadeias de diferenças que nunca se igualam, o que nos impede de falar de uma única margem da formação docente em Geografia. Essa consideração tem abertura no pensamento trilhado por Costa (2019, p. 30):

Interessa ressaltar que, para Macedo (2006), a noção de espaço-tempo de fronteira implica uma concepção curricular capaz de operar com a ideia de interação de culturas, sem que haja hierarquização entre as mesmas. Ao partir da perspectiva de que as culturas já híbridas interagem com outras, gerando outros híbridos, a autora insere a noção de impureza como condição para a não estratificação entre os elementos. Assim, não há um original que busca saturar o outro, mas processos de disputas por hegemonia de uma ou outra perspectiva, demanda, ideia (Costa, 2019, p. 30).

A leitura que Costa (2019) realizou de Macedo (2006) centrou a discussão na alteridade e em como a impureza das experiências de currículo revelam o embate com a alteridade e a necessidade constante de negociação das diferenças. Ladeando a filosofia derridiana, comprometida com a desconstrução da metafísica do sujeito, e estabelecendo um diálogo com o pensamento de Emmanuel Levinas, a perspectiva desconstrucionista de Costa (2019) e Macedo (2006) busca descentralizar a discussão curricular dos sujeitos, retirando a alteridade da margem da discussão e colocando-a no centro do debate, o que não deixa de ser uma outra margem.

Diferentemente do sentido de estar à margem, o que se propõe não é um isolamento, mas um encontro, um lugar onde várias margens se imbricam, ou seja, uma fronteira – um lugar que aproxima e distância territórios diversos – um lugar onde margens se conversam, desafiam, transbordam e negociam-se. Para Costa (2019, p. 31), “neste espaço-tempo fronteiro, todos se produzem e são (d)ali”. Indo além, Costa (2019, p. 31) escreveu: “[...] passa a ser um lugar que nunca é o mesmo, na medida em que deixa de ser em função do próprio movimento de subjetivação e significação da e na própria fronteira”. Assim sendo, o encontro que se dá nesses lugares é sempre único, um acontecimento inédito e inevitável.

Esses espaços-tempos fronteiros são lugares de negociação das diferenças, o que nos leva a pensar a noção de híbrido e hibridismo. Para Gigante e Costa (2015), a noção de hibridismo surge da impossibilidade de operar com uma única concepção de sujeito e, por consequência, com uma única noção de currículo, o que tornaria igual algo que é diferença incessante. A noção de hibridismo é importante porque situa os sujeitos do currículo na

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaios de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

fronteira, face a face — margem a margem. Estar na margem da experiência curricular é estar no centro porque, de certa forma, “é nas fronteiras que se dá, de forma mais clara, a hibridização das culturas” (Pinto; Lopes, 2021, p. 193). Assim, as fronteiras são o centro da produção curricular.

Hibridismo, encontro, fronteira, margem, limite, espaço e lugar são termos que, juntos, fazem com que nossa abordagem se volte para a geofricidade da formação docente em Geografia, pois formam uma tessitura de experiências equiprimordiais para a constituição existencial dos professores. Com Valladares (2009; 2014; 2015), compreendemos que os currículos vividos pelos professores em formação não se dão em lugares isolados, mas em zonas de fronteiras.

[...] era possível pensar estágio supervisionado como uma zona de fronteira, como um lugar dividido por limites institucionais, às vezes difusas (como as ruas que marcam o começo e o fim de alguns países, como Paraguai e Brasil), às vezes muito visíveis (como pontes ou como postos alfandegários) que registram a existência de dois territórios (escola e academia). Avançando para além do limite de cada um dos territórios de ambas as instituições, essa zona fronteira funcionaria como uma área de trabalho para formação docente, para quem estivesse a se preparar academicamente para o exercício da profissão, podendo favorecer formação continuada de quem estivesse nela (professoras de escola e de estágio) buscando continuar se aprimorando (Valladares, 2009, p. 102)

Nas zonas de fronteiras, quem são os sujeitos e como eles vivem essa experiência geográfica?

Nas zonas de fronteiras, sujeitos se gestam, se gostam, se gastam e (de)gustam diferentes sabores de vida, em seus projetos e tentativas de humanização. Nessas zonas de fronteiras, os que por ali vivem, teimosamente presos a um território da fronteira perdem sua condição inicial de nômade ou migrante - estiveram na escola, foram a universidade e voltaram para a escola, não voltam mais à universidade ou, então, estiveram na escola, foram para a universidade e não querem ficar na escola. Estiveram nômades, foram migrantes, hoje são moradores antigos. Outros desejam ardentemente um dos territórios da fronteira, são ‘arrivistas’, repudiados pelos que ocupam fixos espaços, pois nos fazem lembrar que, um dia, também foram recém-chegados. E nós, que por ali transitamos nômades, migrantes talvez, carregados de sonhos e aprendizagens para trocas e novas invenções, tornamo-nos híbridos, porque nem somos da academia, nem somos da escola e somos de ambos porque não somos apenas professores ou apenas alunos, somos uns e somos outros, deixando de ser um ou outro ou ambos, às vezes, em nossas transgressões, em nossas resistências, em nossas teimosias e incompreensões. Somos sujeitos híbridos vivendo nossas histórias de formação que contagiam a formação de outros sujeitos - e é preciso estar atento à responsabilidade do que isto significa (Valladares, 2015, p. 76).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



Até o momento, a fenomenologia das margens que propusemos fez a geograficidade da formação docente esbordar os próprios limites, o que nos levou às zonas de fronteiras como lugar de experiência de encontro, negociação das diferenças e hibridismo. No centro das nossas reflexões, a margem da formação docente surge como experiência formativa, o que nos convoca a falar das nossas experiências nas zonas de fronteiras, a narrar eventos que colocaram a nossa identidade docente à margem, ou seja, no limite da própria definição.

## **O Programa de Educação Tutorial - PETGeo/UFL: uma zona de fronteiras?**

O Programa Especial de Treinamento (PET) foi criado em 1979 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em 1999, foi realocado para a Secretaria de Educação Superior do Ministério de Educação sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programa de Educação Superior. Em 2004 passou a ser denominado ‘Programa de Educação Tutorial’ (PET), instituído oficialmente pela Lei 11.180/2005 e regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006 e nº 1.046/2007, com gestão nacional da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), e local das Instituições de Ensino Superior (IES) (BRASIL, 2006).

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) financia o programa por meio do pagamento de bolsas mensais a estudantes e ao professor/a tutor/a, além de custeio anual de atividades extracurriculares no valor de uma bolsa por estudante participante do grupo. Tal investimento é fundamental para a manutenção do programa, cuja proposta é possibilitar aos graduandos/as experiências complementares à formação acadêmica, com vivências em atividades integradas envolvendo a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária (Moura, 2022). A indissociabilidade dessas esferas da formação profissional revela o modo como as experiências formativas do PET emergem no lugar de encontro das três dimensões dessa tríade, uma zona de fronteiras porosas que se mesclam (Valladares, 2009; 2014; 2015).

O método tutorial é baseado na horizontalidade da aprendizagem, com a presença de um/a professor/a tutor/a que estimula a participação autônoma com vistas à formação do pensamento crítico alicerçado no compromisso epistemológico, político, pedagógico, ético e social. Uma das preocupações do programa é evitar a especialização precoce dos/as

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaios de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

graduando/as, por isso investe numa formação íntegra (por inteiro), possibilitando uma gama de experiências formativas. A cooperação e autogestão são componentes importantes no envolvimento dos/as participantes do grupo, favorecendo a futura inserção no mercado profissional e/ou a continuidade da vida acadêmica por meio da preparação para o ingresso na pós-graduação.

Cabe ressaltar que o PET não é contra a especialização dos estudantes, mas sim contra a concepção de que há uma identidade profissional pré-definida para os graduandos - um destino profissional certo e garantido, o que corrobora a ideia de Gigante e Costa (2015) sobre a impossibilidade de o currículo operar com uma única concepção de sujeito. Esse hibridismo compõe não só as práticas do PET, mas toda a história do programa.

O PET de Geografia da UEL foi implantado em 1994, portanto, em 2024, completará 3 décadas de atividades formando gerações de pesquisadores/as geógrafos/as e professores/as de Geografia. Atualmente, é composto por 12 estudantes bolsistas, matriculados entre o 1º e 5º anos, nas habilitações Bacharelado e Licenciatura, e uma tutora, docente associada do Curso de Geografia, além de professores e pós-graduandos/as colaboradores.

Face às características do Programa PET, que busca o envolvimento integral dos/as acadêmicos/as, desde a sua implantação, o grupo tem se dedicado a inúmeras atividades com vistas a conquistar a independência e melhor administrar as suas necessidades de aprendizagem em um processo de aperfeiçoamento contínuo e permanente. As atividades programadas a cada novo ano, desde a implantação do programa, passam por adaptações e/ou modificações atendendo a demanda do grupo, bem como do próprio curso de Geografia, uma vez que o programa cumpre o objetivo de contribuir com a melhoria da graduação como um todo, almejando por meio deste impactar a sociedade.

Essas características desvelam o PET como um lugar fronteiro, ou seja, que não é o centro da formação profissional, mas é importante para a formação dos geógrafos-educadores. A partir de relações de interdependência e horizontalidade e práticas pedagógicas alternativas o PET se desvela como um lugar de produção curricular que margeia o currículo oficial dos cursos de graduação em Geografia e desloca o ideal de formação para uma outra concepção.

Os resultados obtidos ao longo dos anos foram importantes para repensarmos os modelos de atividades planejadas e preservarmos aquelas consideradas clássicas e essenciais

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaios de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

para o grupo, com algumas adaptações. Visto que a repetição de muitas atividades, ano após ano, traz em seu bojo um importante diferencial relacionado à experiência acumulada, levando ao aperfeiçoamento do trabalho realizado, baseado em experiências anteriores.

Considerando-se as características duradouras das atividades implementadas, o planejamento se faz em continuidade e aprofundamento dos executados em anos anteriores. Ele procura atender à necessária complementação do currículo do curso de graduação, apresentando atividades que tenham como princípio educativo a emergência no trato de temas essenciais e contemporâneos, da consolidação de saberes voltados à formação da cidadania plena dos/as estudantes, futuros/as profissionais. Além disso, há o esforço de aproximação do PET com a comunidade acadêmica e a sociedade, a fim de socializar os conhecimentos produzidos.

É importante ressaltar que alguns fatores são levados em consideração no planejamento, tais como:

- \* A preocupação com a sobrecarga de atividades extra acadêmicas que poderiam redundar em um mau desempenho escolar;
- \* A previsão de atividades que sejam somatórias às desenvolvidas pelos/as estudantes bolsistas, constantes do currículo do curso de graduação;
- \* A possibilidade de buscar a socialização de conhecimentos, de técnicas e vivenciar experiências que levam à formação do cidadão participante e solidário;
- \* Por fim, em todas as ações, as estratégias se fundamentam no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitária, como princípio orientador do programa.

Entre as inúmeras ações, algumas têm sido realizadas há décadas e renovadas a cada nova geração de petianos/as, a exemplo das Oficinas Pedagógicas, dos Cinepets, do PETrilhas, Iniciação Científica, Trabalhos de Campo, Banco de Ideias e Práticas Solidárias, Visitas Técnicas, Web Café com Literatura, GeoJornal, Cursos, Palestras, Roda de Literatura e Incentivo à Leitura, Ciclo de Seminários, entre outros.

Apesar de todas as limitações impostas pela situação de crise em que vivemos nos últimos anos, muitas experiências enriquecedoras possibilitam manter a qualidade do Grupo PET, por meio do engajamento dos/as estudantes em causas que o programa defende e da permanência destes no grupo por períodos longos durante a graduação. Ao perscrutar uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

formação acadêmica de excelência, esperamos dar mais um passo para consolidar o PET de Geografia na UEL como um grupo que oferece uma educação tutorial permanente e aperfeiçoada, quiçá um modelo de formação a ser ampliado nas esferas públicas que primam por um ensino gratuito e de qualidade.

O PET é balizado pela educação tutorial mediante relação horizontal, o que significa dizer que há no grupo um pressuposto regido por relação de inteligências que se equivalem e necessitam uma da outra para se afirmarem. Paulo Freire (1996) diria que não há docência sem discência e Rancieri (2002) que há de se considerar o postulado da igualdade das inteligências no sentido antropológico em que todos os seres humanos são capazes de conhecer algo.

O ensino integrado à pesquisa amplia as dimensões formativas e práticas socialmente relevantes, mediante a incorporação da extensão, que garante o vínculo com diferentes realidades geográficas. Como já foi dito, tanto o ensino, quanto a aprendizagem são redimensionados na medida em que se rompem com as dicotomizações e dualidades entre ensino-pesquisa e, entre estes, e a extensão (Moura, 2021, p. 330).

Em uma relação mediada pelo contexto acadêmico que, para além do epistêmico, também é social, cultural, político e psicológico, o PET e as atividades de ensino, pesquisa e extensão englobam aspectos significativos para os professores em formação inicial e continuada envolvidos na experiência. Assim, a extensão universitária se torna um espaço social de encontro e de partilhas, se faz pela associação de ideias, sentidos e relações, cujas subjetividades nos atravessam e nos colocam o desafio de novas maneiras de ser e estar juntos. Um espaço de superação de polaridades, para além das singularidades, como lembrou Bhabha, “nem um e nem outro”, numa hibridização que contesta os espaços de ambos. Assim, a experiência de extensão surge como uma experiência de fronteira, de se colocar no entre-lugar, um lugar onde ocorrem diversas formas de hibridismos (Bhabha, 1989).

## **Uma experiência nas zonas de fronteiras: atravessamentos vividos no Sesc Cadeião**

Imaginamos uma formação docente para além do estabelecido pelas margens definidas, uma formação docente borrada pelas experiências de lugares híbridos, como o PETGeo/UEL que transborda para lugares além da sala 703 Bloco K-CCE.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Para Serres (1993, p. 26) “[...] quem não se mexe nada aprende. [...] Sob a orientação de um guia, a educação empurra para fora. [...] Aprender lança a errância”. O conhecimento e a educação, para Serres, exige sair do lugar. O lugar-misturado, quem sabe o das zonas de fronteiras, esse lugar mestiço das intercessões do aprendizado. A mestiçagem se caracteriza pela viagem, pelo deslocamento, pelo encontro. O corpo aprende ao atravessar as margens dos lugares, as próprias fronteiras.

A tarde de 07 de junho de 2023 foi um desses dias de transbordo e mestiçagem. O PETGeo/Uel se deslocou, desbordou suas margens e jorrou suas águas para o Sesc Cadeião, um centro cultural em Londrina-PR. O nome é estranho, não é? Cadeião. Cadeia grande. Prisão. Lugar de afastar gente do convívio social. Lugar de aprisionamento. Encontramos outras possibilidades, como a de conhecer a história entre a cadeia e o centro cultural.

**Figura 1** – Visita guiada ao Sesc Cadeião



**Fonte:** acervo pessoal dos autores, 2023.

Na Figura 1, vê-se um grupo de oito visitantes e a guia do Sesc Cadeião, que coordenou essa visita guiada. Estamos no saguão do Sesc, dispostos em roda. O chão ainda conserva o piso em ladrilho de cor vermelha e preta, e as paredes foram pintadas de branco. A porta de entrada atualmente é de blindex. Adicionaram-se às janelas o vidro sob as grades grossas de metal. Esse lugar que no passado foi o saguão de uma cadeia hoje salvaguarda cadeiras de descanso, dois aparadores e algumas plantas e objetos de decoração. Talvez seja para aliviar o clima de cadeia e tornar esse lugar mais centro cultural do que prisão.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaio de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O centro cultural ainda guarda muitos rastros da cadeia que um dia fora, como a cela que representamos na Figura 2. Ao contrário do saguão representado na Figura 1, a cela se mantém toda intacta, ainda sendo um lugar de prisão, para separar pessoas que merecem a liberdade de pessoas que merecem o isolamento. Um retângulo que não deve medir mais que dois metros de largura por três de comprimento. Nas paredes laterais do retângulo, há duas beliches de concreto com espessura fina. Ao nos tocarmos as grades frias que delimitam as margens interiores e exteriores da sela, é possível imaginarmos como as camas de concreto eram geladas e como o ali o sol é escasso o ano todo, e não sazonalmente. Ficam os rastros da experiência de ser preso nas celas, rastros que a cadeia deixou no centro cultural.

**Figura 2** – Os rastros da cadeia



**Fonte:** acervo pessoal dos autores, 2023.

As paredes laterais das celas são tingidas por uma mistura de tinta amarela, tinta descascada e imagens recortadas e coladas pelos presidiários do passado. As imagens borram as concepções de moral e imoral, juntam desenhos infantis com fotografias de mulheres nuas, apontam que havia vida na cadeia, vida grafia grafada nas celas vividas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

**Figura 3** – Cascão em cela



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2023.

O que professores de Geografia estavam fazendo neste lugar? Estávamos lá para buscar margens além das já conhecidas, centro cultural e cadeia. Fomos à cadeia para aprender com o centro cultural; fomos ao centro cultural para aprender com a cadeia. De cadeia a centro cultural, de prisão a lugar de liberdade. A cultura liberta, não é nisso que acreditamos? Entre uma margem e outra, há a liberdade do encontro das fronteiras, que se fundem em zonas de fronteiras, lugares de encontros e atravessamentos nos quais não faz mais sentido determinar a primeira e a segunda margem do rio, mas aproveitar o novo que surge, o desconhecido, a terceira margem do rio.

Quando cadeia e centro cultural se misturam surgem espaços que talvez sempre tenham estado ali, mas estavam escondidos, tímidos entre um lugar e outro, esperando que fossem abertos - espaçados, para então, serem abertos à visitação. Espaços abertos entre a cadeia e o centro cultural; espaços abertos entre a prisão e a cultura. Que espaços são esses? Espaços de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

exposição de arte, que permitem que a arte liberte, mesmo que ela esteja em exibição em uma antiga cadeia.

A arte liberta em toda situação, não é por menos que insistimos em expô-la. As Figuras 4 e 5 apresentam a exposição de arte chamada “Grilo da Caixa”, que rememora um movimento popular dos “excluídos do café”, como ficaram conhecidas as classes populares que sofreram com a desigualdade e a exploração promovidas pelos fazendeiros do café que influenciaram a urbanização do município de Londrina-PR. Com a curadoria do artista Chico Santos e parceria do coletivo Ciranda da Paz, um grupo ativo que produz materiais audiovisuais sobre a comunidade Nossa Senhora da Paz, também conhecida como Bratac.

**Figura 4** – Exposição Grilo da Caixa



Fonte: acervo pessoal dos autores, 2023.

O salão retangular representado nas Figuras 4 e 5 salvaguarda em fantasia os guardiões dos excluídos do café. Na parede frontal há cinco dessas fantasias, cada uma de uma cor. Há fantasias em cor terracota, que rememora a terra vermelha de Londrina, solo que abrigou o café, que foi dominado pelos poderosos e destinou o povo à miséria. As fantasias são roupas parecidas com um manto de fios grossos. Máscaras com bocas largas, olhos redondos e dentes afiados compõem o rosto das fantasias, quer seja para assustar quem fosse ameaçar as moradias

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



dos pobres, quer seja para protegê-los. Alguns fios azuis se disfarçam entre os fios verdes, terracotas e verdes que tecem as fantasias; essa é uma forma de rememorar Nossa Senhora da Paz, santa católica que nomeia a comunidade. Nada que envolva arte é por acaso. Em toda arte está, antes de tudo, a arte de libertar pensamentos nas pessoas, ainda que essa libertação ocorra em uma antiga cadeia.

**Figura 5** –Os espíritos protetores



Fonte: acervo pessoal dos autores, 2023.

O espaço de exposição de artes muda constantemente, por isso ele nunca é o mesmo lugar. A exposição de arte não é fixa, é fluxo. Ela não é nem a primeira nem a segunda margem do rio; é a terceira, aquela que é sempre resultado de uma mistura de plantas, água e terra molhada, aquela que é indefinível. Como terceira margem, esse espaço é sempre um lugar de encontro de diferentes, uma zona de fronteiras, mas nunca uma coisa só. No mês seguinte a nossa visita, a exposição era outra. No fim do ano, com toda certeza, outra exposição estará lá. Se voltarmos ao centro cultural no mesmo dia, na mesma hora, mas no ano seguinte, com toda

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaio de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

certeza não encontraremos mais a mesma exposição, pois a experiência é esse acontecimento irrepitível, no máximo passível de ser lembrado.

O que seria a docência se não essa profissão dos acontecimentos irrepitíveis? Assim como uma peça teatral, uma aula nunca se repete, por mais que o conteúdo a ser ensinado seja o mesmo. Na verdade, docenciar se trata de saber não só aproveitar esses acontecimentos irrepitíveis, mas de proporcioná-los cada vez mais. Nos tempos em que a informação está literalmente nas mãos dos/as estudantes, para que serve o/a professo/ar se não for para problematizar as informações dispostas a partir de acontecimentos irrepitíveis, de experiências únicas?

Esbordamos outras fronteiras do centro cultural, ocupamos a sala de leitura e lá realizamos a Roda de Literatura do PETGeo/UFL.

**Figura 6** – Sala de leitura



**Fonte:** Website oficial do Sesc Cadeião, 2023. Disponível em:  
<https://www.sescpr.com.br/unidade/sesc-londrina-cadeiao/espaco/sala-de-leitura/>. Acesso em: 09 de jun. 2023.

A Figura 6 representa um espaço quadrado com a extremidade frontal revestida de janelas que ocupam toda a parede. Em frente às janelas há duas estantes compridas e altas, uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

seguida da outra, onde livros são guardados. Na parede lateral esquerda, de frente para as estantes, há uma mesa de computador pequena seguida de uma mesa redonda com tampo de vidro, também pequena. Essa, por sua vez, é seguida de uma mesa quadrada de madeira. Na parede lateral direita há um espaço como “cantinho de leitura”, que ocupa o espaço deixado entre as estantes e a parede de uma das extremidades da sala.

Qual o sentido de ocupar essa sala com a Roda de Literatura? O que hoje é uma sala de leitura (aberta à comunidade) antes era uma das salas da direção da cadeia. Ocupar esse espaço é transformar um lugar de prisão em um lugar de liberdade. Sendo arte, a literatura também liberta, desdobra a vida em interpretações outras. Aliás, a roda de conversa também liberta. O que pode ser mais libertador do que abrir uma roda de conversa em um lugar que no passado não abria espaço para o diálogo? A princípio a cadeia não é lugar de conversa, pelo menos não de conversas libertárias-literárias. Mas é preciso ressignificar esses lugares, dando espaço para que outras experiências surjam no que agora é um centro cultural.

As fronteiras entre cadeia e centro cultural deixam de fazer sentido quando, juntos, formamos uma roda de literatura. As rodas de literatura são colocadas em relevo como uma experiência científico-cultural que intensifica o diálogo entre Geografia e Literatura. Essa proposta, publicada na Revista Geograficidade (Moura *et al.*, 2018), busca envolver os/as estudantes em uma experiência de leitura geográfica por meio da literatura, refletindo sobre as formas de ser no mundo e a problemática da existência humana sobre a Terra.

Na roda, nada impera mais do que o livro levado por cada participante e as experiências literárias que compartilhamos uns com os outros. As experiências literárias compartilhadas pelos participantes circulam na roda de conversa, são desdobradas em comentários e devaneios que fazemos sobre as narrativas uns dos outros, tornando-se água corrente no leito do rio, uma criação criativa - a própria terceira margem do rio.

### **Não há lugares isolados, apenas zonas de fronteiras, margens porosas...**

Na escola ou na universidade, onde devemos formar professores de Geografia?

De uma margem da formação, a universidade é vista como o lugar dos licenciandos. É lá que eles prestam o vestibular, se matriculam no curso de graduação e é lá que estão suas salas de aula, os lugares onde imaginam que obterão todo o conhecimento necessário para serem

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

bons professores. Na outra margem, há a escola, lugar dos professores já formados. É para a escola que os licenciandos vão para observar, analisar e compreender o que é ser professor. Contudo, entre uma margem e outra, há uma infinidade de lugares que nos acometem, sendo experiências imprevisíveis e irrepetíveis.

O enfoque fenomenológico das margens da formação docente nos mostrou que as experiências formativas se dão em vários lugares, ultrapassando as fronteiras da universidade, eliminando as distâncias das margens do ensino, pesquisa e extensão, de modo que a formação dos professores aconteça em uma zona de fronteiras. É preciso dispersar a formação docente em vários lugares. Para isso, é necessário dissolver a potência formativa que concentramos na universidade e na escola, valendo-nos de outros lugares que podem nos ensinar tanto quanto às duas margens do que consideramos lugar de formação de professores. Com isso, não queremos eleger outros lugares para a formação docente em detrimento da universidade, mas buscamos destituir este como o único espaço da formação docente.

Quanta Geografia não aprendemos com a visita ao Sesc Cadeião? É impossível mensurar as experiências que nos atravessaram naquele dia, mas podemos afirmar que aprendemos muita Geografia ao irmos para além da primeira e da segunda margem postas para a formação de professores. Ali, naquela zona de fronteiras e aproximação de margens, conhecemos juntos a geohistória de uma cadeia-centro cultural. Conversamos sobre as geografias literárias presentes nos livros debatidos da Roda de Literatura, falamos de Drummond à Antígona, tornamos saberes distantes em conhecimento híbrido, negociação de diferenças — um entre-lugar de enunciação como quer Bhabha (1989), um terceiro espaço proveniente do encontro entre significados e significantes.

Ir ao encontro das zonas de fronteiras não se trata de fazer um trabalho de campo, mas sim de outorgar outros espaços para se formar professores. Em outras palavras, dar espaço para que outros modos de ensinar e aprender surjam no encontro das margens da formação docente.

À título de conclusão deste escrito, mas de abertura de outros pensamentos, cabe uma pergunta que não responderemos aqui: quais geografias aprenderíamos se experienciássemos o Centro Cultural sentados em fileiras durante horas, como fazemos na escola tradicional? Essa reflexão é importante, pois, nos parece que a potência das zonas de fronteiras como espaço formativo não está simplesmente em trocar o lugar da formação docente, mas de buscar outros

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

modos de habitar os espaços formativos, outros modos de ser professor, de ensinar, de aprender, de planejar aulas, de pensar, praticar e viver os currículos.

## Referências

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial**, versão 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/manual-de-orientacoes> Acesso em: 15 jul 2023.

COSTA, H. H. C. Contribuições geográficas ao debate curricular. **Revista Panorâmica online**, v. 28, n. 1, 2019.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. 2011.

DE DERRIDA, Glossário. trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora SA, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIGANTE, C. C.; COSTA, H. H.C. Impressões derridianas para a investigação das políticas de currículo. **Periferia**, v. 7, n. 2, p. 81-96, 2015.

LOPES, A. C.; BORGES, V. Formação docente, projeto impossível. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 45, p. 486-507, 2015.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teoria de Currículo**. São Paulo: Cortez.

MACEDO, E. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: v. 11, n. 32, p. 285-296, maio/ago., 2006.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Na fissura do presente. **Geograficidade**, v. 10, p. 48-72, 2020.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **GEOTEXTOS (ONLINE)**, v. 14, p. 237-254, 2018.

MOURA, J. D. P.; BALIEIRO, M. H.; MARQUES, A. C. S.; SILVA, M. O. M.; BALIKIAN, P. P. R.; MESSIAS, V. R.; MAZZON, J.; SILVA, P. H. M.; SANTANA, T. H. DE A.; CAVARSAN, E. C.; ALVES, L. Roda de literatura: pro-posições em torno da experiência

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

geográfica nas tramas literárias. **Geograficidade**, v. 8, n; 2, p. 174-201, 2018.

MOURA, J. D. P. Tridimensionalidade acadêmica na formação docente e perspectivas epistêmicas para o fazer geográfico. In: ANTONELLO, I. T.; MOURA, J. D. P.; VENDRAME, P. R. S. (orgs.) **Interfaces Socioespaciais e geoambientais**. Londrina: UEL, 2022. p. 326-345.

PINTO, M. C.; LOPES, A. C. Desconstrução, colonialidade e ubuntu: Pela porosidade de fronteiras. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 2, p. 182-208, 2021.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SERRES, M. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

VALLADARES, M. T. R. Narrativas como passaportes em zonas de fronteiras: Estágio Curricular em Geografia. In: Portugal, J. F.; Chaigar, V. A. M. (Org.). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. 1ªed.Salvador - Bahia: EDUFBA, 2015, v.1, p. 73-96.

VALLADARES, M. T. R. Zonas de fronteiras: entre escolas e academias. In: BEZERRA, A. C.; LOPES, J. J.; FORTUNA, D. (Org.). **Formação de professores de Geografia: diversidade, prática e experiência**. 1ªed.Niterói - RJ: Editora da UFF, 2014, v. 1, p. 51-84.

VALLADARES, M. T. R. **Vivências em zonas de fronteiras... as narrativas se fazem travessias...** (Um estudo com narrativas e com os cotidianos no estágio curricular da licenciatura de Geografia na UFES), Vitória, 2009. 277f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aproximando as margens da formação docente: tornando-se professor de Geografia em zonas de fronteiras. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102315, 2024.

Submissão em: 18/02/2024. Aceito em: 15/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons